

## EPIGRAFIA E IMAGEM NAS ESTELAS EPIGRAFADAS DO SUDOESTE

Amílcar Guerra

Devo um cordial agradecimento à comissão organizadora deste Colóquio pelo convite que me dirigiu à participação neste encontro habitual dos que se dedicam aos estudos paleo-hispânicos. Para além da fundamental importância que esta série já longa de eventos tem na discussão dos problemas desse domínio concreto, o facto de com este se homenagear Jürgen Untermann, meu querido mestre, constitui um motivo especial para me sentir reconhecido. A minha participação contou ainda com o apoio da acção COST AELAW (*Ancient European Languages and Writings*), em cujo programa e objectivos esta iniciativa se inseriu.

Procurando corresponder à temática principal desta reunião científica, procurarei analisar as relações entre escrita e representação figurativa na chamada “escrita do Sudoeste”. Se, por um lado, se passa em revista a questão dos poucos monumentos em escrita e representação figurativa se conjugam, por outro aborda-se uma vertente menos tratada: em que medida o próprio desenho das epígrafes, da disposição do seu texto nos monumentos, constrói uma determinada imagem visual, com as suas peculiaridades.

**1.** Na definição do que consideramos “escrita do Sudoeste” entra um aspecto relevante, o facto de a maioria dos monumentos que constituem este núcleo se definirem, por via da regra, como estelas. É especificamente desse conjunto de vestígios que aqui nos ocuparemos. É certo que estamos em condições de estabelecer a natureza muito particular de alguns dos monumentos que não pertencem a esta categoria, entre os quais ocupa um lugar de destaque o “signário de Espanca”, o qual, por essa mas também por outras razões se trata de forma diferenciada. Constitui, evidentemente, um caso à parte. No entanto, porque o tema deste contributo é precisamente a escrita e as suas formas que é imprescindível contar com a informação desse importante achado.

Naturalmente, também vestígios epigráficos em suportes pétreos de pequenas dimensões — como é o caso do achado da Folha do Ranjão, Balleizão, Beja (Faria *et al.* 2014) — não oferecem condições para serem classi-

ficados como estelas. Embora o achado de vários fragmentos possa constituir uma pequena parte do monumento, a dimensão dos caracteres e a profundidade da gravação não são compatíveis com a natureza que as estelas típicas apresentam: exibirem um texto com certas dimensões, identificado e apreciado na sua globalidade à distância e legível mesmo sem haver necessidade de se aproximar muito.

Por fim, também o conjunto de grafitos sobre diversos suportes que com propriedade se poderiam incluir no âmbito da “escrita do Sudoeste”, e que parecem constituir uma realidade diferente, não apenas pela natureza dos objectos, mas também pelas particularidades do sistema de escrita utilizado. Correspondendo estes grafitos a um universo distinto, não se incluirão na presente análise.

Portanto, é especificamente dessas estelas epigrafadas que aqui nos ocupamos, especificamente das que associam escrita e representação figurativa. No sentido de lhe conferir um cariz particular, procura-se, com este trabalho, analisar especialmente alguns aspectos da produção dos monumentos epigráficos, em particular os que apresentam esses dois tipos de vestígios.

Estes pressupostos obrigam a algumas considerações prévias, dada a natureza particular de alguns monumentos. Merece, em primeiro lugar, uma referência especial, o conjunto de estelas de Pardieiro, no qual, para além do próprio texto epigráfico, se identificaram igualmente alguns podomorfos, como é o caso das estelas de Pardieiro II e III (Beirão 1990, 111-113). Anote-se que estes elementos figurativos ocorrem igualmente num fragmento de xisto que não ostenta inscrição (Beirão 1990, 111 e 114, fig. 6). Tendo em conta igualmente as diferenças na gravação entre texto e essas representações, não é claro que as duas realidades resultem de um mesmo processo de produção.

Por outro lado, há que considerar outros exemplos em que esta mesma questão se coloca. Estas estelas apontam-se, por vezes, como herdeiras de numa tradição de monumentos figurativos (v.g. Bendala 1993, 200-201; Rodríguez 2002, 87-88; de Hoz 2010, 275-276 para as dificuldades desta hipótese), geograficamente mais ampla, também de natureza funerária, cujo núcleo mais significativo se coloca no período de passagem entre o Bronze Final e a Idade do Ferro. Esta realidade quase se confunde, na terminologia, com as que aqui nos ocupam, já que os seus vestígios são designados como “estelas decoradas do Sudoeste”. No entanto, uma das principais questões que colocam estes últimos materiais tem que ver precisamente com a sua amplitude cronológica, divergindo as opiniões especialmente a respeito do seu momento inicial e, em menor grau, em relação à sua fase final, ainda que também aqui se registem consideráveis diferenças (sobre esta questão *vid.* mais recentemente Díaz-Guardamino 2010, 346-361; Celestino e Salgado 2011, 431-433; Díaz-Guardamino 2012; Brandherm 2013; Brandherm 2016, 183-203).



Fig. 1. A chamada “estela do guerreiro” de Abóbada (Almodôvar).

Este problema que colocam as estelas decoradas acaba por ter implicações com as eventuais relações que esse universo tem com o mundo posterior da difusão dos monumentos epigrafados. Mas a existência de dois casos bem conhecidos de exemplares em que as típicas estelas decoradas se associam a textos inequivocamente pertencentes ao contexto da escrita do Sudoeste, de Capote, Higuera la Real (Berrocal 1987) e Majada Honda, Cabeza del Buey IV (Domínguez *et al.* 2005, 52-54), permite estabelecer ligações pontuais entre duas realidades que, por princípio, se devem encarar como autónomas (ultimamente Brandherm 2016, 203), mas eventualmente sobrepostas no tempo e no espaço (Valério 2016, 143-145). Esta circunstância pode ter contribuído para a proposta de cronologia a atribuir a todo o conjunto das estelas do Museo Arqueológico Provincial de Badajoz, segundo a qual essas realidades se desenvolveriam entre os séc. VIII e V a.C. (Domínguez *et al.* 2005, 5).

Alguns autores preferiram sublinhar os aspectos comuns que ligam estas duas manifestações. Em ambas o objectivo era assinalar de forma particular os espaços sepulcrais de determinados indivíduos, conferindo-lhes uma marca diferenciadora. Nas chamadas “estelas decoradas do Sudoeste” esse elemento marcante consistia especialmente no desenho de armas, apontando, portanto, para a sua condição de guerreiros, os quais, desta forma se afirmavam perante a comunidade.



Fig. 2. Parte central da estela da Abóbada.

O amplo conjunto de manifestações figurativas pode considerar-se relativamente repetitivo, sendo a panóplia de elementos desenhados centrada em torno de armas e adereços que integram os hábitos dos guerreiros: o tríplico lança, espada e escudo forma o conjunto habitual, a que se junta o carro; no domínio menos evidentemente relacionado com a guerra sobressaem as representações de pentes, lâminas de barbear e espelhos, sem esquecer os instrumentos de corda, lira ou similar.

2. É esta tradição guerreira que de alguma forma se parece retomar no mais conhecido e notável monumento figurativo do núcleo das tradicionais estelas epigrafadas, justamente conhecida como a “estela do guerreiro” (fig. 1 e 2), proveniente da herdade da Abóbada, Gomes Aires, Almodôvar (Dias e Coelho, 1971; Gomes 1990, 83-85 Correia 1996, 118; *MLH* IV J.12.1). Embora o monumento não tenha sido encontrado num contexto arqueológico primário, identificou-se a sua proveniência — a lápide estava a cobrir uma sepultura de incineração, atribuída à II Idade do Ferro. O sítio onde apareceu foi objecto de escavações em dois momentos distintos: talvez nos anos ‘80 em trabalhos superficiais realizados por Caetano de Melo Beirão, de que não há registo; e em fase bastante recente, no âmbito do projecto ESTELA (Barros *et al.* 2013).

O que as escavações permitem avançar não constitui uma informação particularmente sugestiva, mas, de algum modo, ajudam a enquadrar o achado. Apresentando restos de estruturas funerárias bastante alteradas e vestígios dos processos de cremação, as escavações contribuíram com alguns dados que permitem enquadrar o mais famoso vestígio desta natureza. E o achado de ponta de lança em ferro, relativamente bem conservada, pode sempre apresentar com um eloquente contributo para compreender o ambiente cultural

que se associa a estes vestígios epigráficos. Ainda que tal não seja de modo nenhum uma surpresa, é sempre relevante que os restos materiais sublinhem a associação dos indivíduos sepultados a elementos de função bélica, registando-se em particular o achado de lança em ferro (Barros *et al.* 2013, 1170-1172).

A representação figurativa (fig. 2) desta estela apresenta, desde logo, uma marca essencial: define-se por um conjunto de linhas tendencialmente rectas, porque gravadas pelo processo de abrasão, isto é, por passagem repetida de um elemento duro sobre o xisto. Esta técnica de gravação é a habitualmente usada nos caracteres desta escrita, porque é mais adequada a este tipo de suporte, o qual, por exemplo, não se ajusta ao uso do cinzel. No processo de gravação identifica-se uma diferença na profundidade dos traços, podendo definir-se três níveis de espessura: a mais acentuada nas linhas que definem as cartelas; a intermédia no desenho dos signos e em alguns traços mais marcados da figura; uma mais ligeira na maioria das linhas que se associam ao que se considera uma representação de um guerreiro.

A representação caracteriza-se por um grande esquematismo e simplicidade, situando-nos portanto, num mundo que não segue os mais complexos modelos “orientalizantes”. Insere-se, por isso, numa tradição figurativa local, que pode ter nas estelas decoradas o mais natural e evidente precedente (algumas descrições e interpretações da peça em Dias e Coelho 1971, 188-189; Gomes 1990, 83-85; Correia 1996, 27, 118).

O corpo da figura humana chama a atenção por consistir numa sobreposição de três elementos de forma sensivelmente quadrangular, sendo o do meio substancialmente mais reduzido que os outros dois. Estes últimos apresentam um conjunto de linhas tendencialmente paralelas, verticais e espaçadas com certa regularidade. No quadrado superior acrescentam-se ao conjunto dois traços oblíquos que se cruzam no centro da figura geométrica. Tem-se colocado a questão de saber se este esquematismo pretende ser realista, representando de alguma forma os adereços usados pelo guerreiro, constituído por elementos verticais justapostos, associados a duas correias cruzadas na parte superior, mas uma resposta a esta questão é sempre problemática.

Este esquema geométrico, todavia, parece ter alguns bons paralelos na tradição das estelas decoradas. Embora na maioria destas a representação humana seja filiforme, alguns exemplos podem aproximar-se claramente do modelo em análise, situação mais evidente em dois achados meridionais do Vale Médio do Guadalquivir, as estelas de Ategua e de Cortijo de la Reina II (Córdoba). É particularmente sugestiva a comparação com a figura humana representada neste último monumento. Também aqui o corpo assume uma configuração rigorosamente rectangular, claramente dividida em dois segmentos, verificando-se que no superior o guerreiro ostenta um elemento quadrado, mais pequeno e central, ligado a duas linhas cruzadas, num interessante paralelismo com o exemplar em análise. Este elemento tem sido interpretado como um peitoral (Murillo, Morena e Lara 2005, 32-34) ou como uma cinta (Gomes 1990, 83).

Desta forma, a interpretação que se tem dado a este conjunto (de que se trataria de um peitoral ou couraça) tem sido com frequência repetida também para o exemplar da Abóbada, apresentando-se como a sua explicação mais viável. Naturalmente, esta hipótese permitiria a ilação de que esse elemento protector seria constituído por duas partes que o lapicida teria desenhado separadamente.

As afinidades entre estas figuras evidenciam-se ainda no simplismo da representação facial: um círculo com apontamentos muito sumários correspondentes aos olhos e nariz (no caso da Abóbada também a boca). A principal diferença reside no facto de o guerreiro da estela da Cortijo de la Reina II ostentar um capacete de cornos e a de Abóbada assinalar apenas com duas pequenas linhas oblíquas, que caem lateralmente, o que alguns autores têm interpretado como tranças (Dias e Coelho 1917, 188).

A apresentação de todo o conjunto obedece, por via da regra, ao princípio da frontalidade, aspecto que se adequada bem a este universo marcado pela simplificação. No entanto, as excepções a esta regra estão presentes e produzem situações muito curiosas, como a da representação do que deve ser um bracelete no guerreiro de Ategua e que, contrariando esta lógica, é desenhada como um círculo que interrompe a linha do braço. No entanto, o aspecto que liga esta tradição à estela da Abóbada tem que ver com a representação de pernas e pés, a qual, contrariando essa lógica, fornece uma visão lateral, como se a figura caminhasse para um dos lados. Curiosamente, contrariando o cariz esquemático de toda a figuração, o responsável pela peça almodovarensense conferiu maior complexidade ao desenho dos membros inferiores, ao introduzir a noção de volume que tinha eliminado nos superiores.

A mesma falta de lógica volumétrica parece revelar-se no conjunto de elementos que o guerreiro da Abóbada segura nas mãos. Em cada uma das mãos erguidas se desenhou um simples elemento linear. Naturalmente, tendo em conta a panóplia conhecida nas estelas decoradas, a lógica e os próprios dados que o sítio arqueológico fornece, a hipótese de estarmos perante a figuração da lança ou algo similar, tal como inicialmente se tinha sugerido (Dias e Coelho 1976, 189-190; Gomes 1990, 83 prefere falar de um dardo) acolhe-se geralmente sem grandes problemas (*MLH IV*, 270).

Na mão esquerda segura, para além disso, um objecto que tem a forma de um crescente lunar, no qual se poderia ver eventualmente alguma das componentes fundamentais que integram o arsenal de um combatente. A primeira interpretação, segundo a qual se trataria de um escudo (Dias e Coelho 1976, 189-190) continuou a ser a mais seguida (Blázquez 1986, 191; Gomes 1990, 83; Correia 1996, 118, *MLH IV*, 270). O quadro completa-se com um outro elemento, de configuração irregular e aparentemente distinto de todos os já descritos, cuja identificação é mais problemática e, por isso, menos consensual. A interpretação deste elemento tem, por isso, conhecido algumas divergências, tendo sido originalmente considerada um punhal (Dias e Coelho 1976, 189), mais tarde uma falcata (Gomes 1990, 83; Correia 1996, 118) ou faca afalcatada (Correia, 1996, 118).



Fig. 3. Decalque da estela de Vale da Águia (Silves).

Na realidade, a discussão em torno destas questões de identificação concreta pode ser pouco produtiva e, desse modo, menos pertinente, razão pela qual nos pomos à margem dela.

Nada de paralelo se encontra nas restantes estelas, havendo apenas uma outra em que uma eventual figuração esquemática poderá ter sido colocada o centro do texto. Trata-se da estela de Vale da Águia, Silves (fig. 3) — um dos achados mais recentes, mas na qual a gravação se encontra muito desgastada, sendo apenas perceptíveis alguns traços que não correspondem a caracteres, mas presumivelmente a alguma figuração aparentemente esquemática, cujo sentido não é possível esclarecer (Gomes e Cabrita 2007; Guerra 2009, 331 e fig. 7).

**3.** O monumento historiado almodovarense contrasta claramente com o de Benaciate, Silves (Correia 1996, 120, n. 50; *MLH* IV, J.5.2), desde logo pelo suporte utilizado, neste último caso a pedra local conhecida com o grés de Silves, uma alternativa ao xisto habitualmente usado nas estelas (fig. 4). Esta diferença pode explicar igualmente a distinta técnica utilizada, uma vez que o exemplar de Benaciate apresenta-se como um relevo, uma vez que os elementos representados se definiram com o rebaixamento da superfície da pedra. Deste modo, as formas representadas ganham sistematicamente volume.

O conjunto, que se apresenta em estado fragmentário (e não é possível avaliar que percentagem do original se conservou), encerra essencialmente dois elementos, cujos contornos são claros: um cavalo, orientado para a esquerda e de que consegue identificar especialmente a sua parte dianteira (uma parte da cabeça, o pescoço e o início do corpo do animal); e uma figura humana sobre ele, de costas, mas cuja face se apresenta de perfil, olhando também para a esquerda e que segura uma rédea definida por um banda larga.



Fig. 4. Estela de Benaciate I (Silves).

A representação humana define-se habitualmente como um cavaleiro (Gomes 1990, 85; Correia 1996, 120; Luís 2010, 58), embora alguns autores admitam tratar-se de uma figura feminina (Koch 2009, 32; como hipótese alternativa, *MLH* IV, 226). Esta hesitação sobre o sexo da pessoa é compreensível: apresentando ancas especialmente largas e montando “à amazona” (Correia 1996, 27 e 120), dá lugar a questão se coloque e se possa inclusivamente resolver a favor dessa hipótese. No entanto, nenhuma dessas particularidades é decisiva: o alargamento na linha da anca pode decorrer da própria circunstância de a figura se encontrar sentada e cavalcando; e a forma de montar, à amazona, encontra-se bem documentada em representações de guerreiros ibéricos que combatem a cavalo.

É bem conhecida esta circunstância em algumas figuras em cerâmicas pintadas, como as que ocorrem em famosos vasos de guerreiros de S. Miguel de Liria (Pericot 1979, esp. fig. 199, 200, 270; Bonet 1995, 88, fig. 25, lám. XIX) e La Serreta de Alcoy (Pericot 1979, esp. fig. 180-181; Olmos e Grau 2005, 92-94, lám. VII), só para dar alguns exemplos. Para além disso, um dos aspectos que marca o perfil da figura humana são os contornos da cabeça, que apresenta uma pronunciada saliência na zona do nariz, o que tem sido interpretado como a representação dos contornos de um elmo com protecção frontal (*MLH* IV, 226; de tipo coríntio Koch 2009, 32), mas também como “gorro ou tiara alta” (Gomes 1990, 85).

Tendo em conta os diferentes aspectos envolvidos, os dois exemplos mais conhecidos de figuração associada às estelas com escrita do Sudoeste parecem pertencer a dois universos figurativos distintos. Se a imagem da Abóbada parece estilisticamente integrável nas tradições locais, ao contrário,

a de Benaciate parece acusar algumas marcas que a ligam a influências “orientalizantes”, pondo em evidência a natureza múltipla das tradições culturais que se cruzam neste fenómeno. Divergindo da habitual aproximação destas às imagens de guerreiros abundantemente representados nas estelas andaluzas e estremenas, Coelho 1976, 206, e Correia 1996, 27, consideram que os modelos para estas se devem encontrar no repositório dos bronzes e cerâmica ibérica do Levante espanhol, em particular em exemplares de S. Miguel de Liria.

Faz algum sentido que os sinais de um influxo oriental se identifiquem precisamente num dos exemplos que se encontra mais próximo do litoral, situando-se já fora do espaço da chamada Serra Algarvia. Ao contrário, num contexto mais interior, na vertente norte da Serra do Caldeirão, situa-se a necrópole, da Abóbada, mesmo junto ao curso do rio Mira, que neste ponto se encontra apenas no seu início. Embora os materiais aqui identificados sejam pouco numerosos e significativos, traduzem bem esse mundo onde as marcas de uma cultura de matriz mediterrânea raramente se fazem representar.

**4.** A difusão de um sistema de escrita baseado num modelo fenício alimentou com frequência a ideia de que este universo cultural se deveria por em relação estreita com Tartessos, entendido como o espaço meridional, de cultura letrada, de cunho “orientalizante”, influenciada especialmente por esse povo colonizador. Sem negarmos a presença no território de maior concentração de achados (o sul do Alentejo e Algarve) de alguns elementos arqueológicos esporádicos pertencentes a esse universo, especialmente alguns bens de prestígio que naturalmente se associam aos contextos funerários das elites desta região, parece claro que essa área se diferencia totalmente de sítios em que esse influxo foi continuado, como Castro Marim ou Tavira, ou mesmo de outros, como o Cerro da Rocha Branca, onde essa marca assumiu uma menor dimensão.

Neste contexto do interior, as manifestações de natureza epigráfica assumem-se em determinado momento como uma realidade nova, que, à semelhança dos bens de prestígio de origem exógena, diferenciam as elites locais e pontuam os espaços funerários destas pequenas comunidades serranas, dispersas pelo território.

As estelas faziam parte, deste modo, dessa paisagem, introduzindo-se como elemento diferenciador de algumas personagens e das suas sepulturas. Percebe-se que os elementos figurativos representam uma exceção neste contexto, em certa medida porque a própria gravação dos caracteres já constitui, por si só, uma componente decorativa. A inscrição não vale somente pelo significado que o texto encerra — incompreensível para a maioria dos indivíduos — mas também pelo seu valor decorativo. É ele próprio uma imagem, cujo valor estético depende muito da capacidade de quem o produz. Como acontece também em épocas posteriores, o monumento epigrafado vale pelo seu conjunto, não apenas pelo significado das palavras e a ideia que elas transmitem.

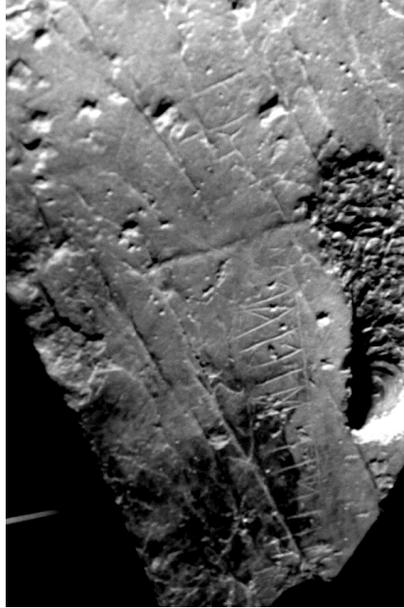


Fig. 5. Estela da Monte Novo do Castelinho (Almodôvar).

Os monumentos afirmam-se como produto de prestígio que um pequeno grupo de artífices especializados oferecia a estas comunidades. A natureza do serviço prestado não consistia apenas no saber escrever, mas na capacidade de produzir, juntamente com a gravação do texto, uma imagem com um determinado efeito estético. Numa sociedade escassamente letrada como esta, pode afirmar-se que o impacto visual residia no conjunto do monumento, em particular no efeito produzido pelo complexo de gravações que ele apresentava.

Por isso, o processo de aprendizagem deste ofício não residiria apenas na transmissão de um saber relacionado com a forma e valor dos signos ou as técnicas de os gravar, mas deveria transmitir um conjunto de indicações sobre as características que deve ter o suporte, e os princípios a que deveria obedecer a disposição do próprio texto.

A percepção de que esta componente seria fundamental, resulta da própria observação do efeito visual produzido por alguns monumentos mais significativos, como a grande estela da Fonte Santa de Bensafrim, Lagos (J.1.1).

Na “imagem textual” parece haver tradições e um modelo mais ou menos difundido, mas a possibilidade de variar parece estar sempre aberta. Não há normativas rígidas neste círculo de artífices, pelo que a variabilidade na organização dos textos epigráficos plasmados nos suportes pétreos é substancial. Mas há claramente alguns princípios ou modelos dominantes (para algumas linhas gerais da organização dos textos *vid.* de Hoz 2010, 356-357):

#### *4.1. Tendência para o desenvolvimento do texto no sentido vertical*

Ao contrário do que virá a ser a tradição da epigrafia grega e romana, que se desenvolve por sistema em linhas horizontais, impõe-se como regra quase geral, a tradição de desenvolver os textos na vertical. É sintomático que um dos modelos que se encontra bem documentado consista na linha única ou dupla que se estende na vertical. Pode, assim, definir-se um grupo de estelas que correspondem a uma imagem textual ocupando o eixo do monumento. Ocorre especial em suportes alongados, com uma largura substancialmente mais reduzida que o seu comprimento. Um dos casos mais sugestivos da aplicação deste princípio é a estela do Monte Novo do Castelhinho, Almodôvar (Guerra *et al.* 1999, 149-152), que usa um suporte de grandes dimensões, que permitiria a explanação do texto de diferentes formas, mas que apresenta uma linha única, no centro do monumento, desenvolvendo-se de baixo para cima (fig. 5).

Em outros casos, é a própria forma do suporte que impõe uma determinada opção. Deste modo, é natural que nos monumentos estreitos e alongados como os de Alcoutim (J.9.1), Ourique (J.17.4), Goiás (J.27.1) e Pardieiro, Ourique (J.15.3), se tenha imposto esta orientação do texto como uma solução aceitável. Outro monumento que parece corresponder a este modelo é o de Bastos, Ourique (J. 20.1), o qual, no entanto, apresenta um pouco de espaço na periferia.

Esta tendência para a disposição vertical é um princípio quase geral, de aplicação muito ampla, uma vez que não se manifesta apenas em monumentos com esta orientação exclusiva, mas preside a uma grande maioria dos casos. Deste modo, é sintomático que, quando se conjuga com outras disposições, o texto se inicie, por regra, com uma linha vertical. Dada a circunstância da escrita ter carácter sinistrorso e ser habitualmente extroverso, com frequência os exemplares mistos, que conjugam orientação vertical e horizontal, partem do canto inferior direito do campo epigráfico.

No entanto, no contexto em que esta antiga escrita se desenvolve, a liberdade de quem elabora estes monumentos prevalece, tanto neste como em outros aspectos. Por essa razão, contamos com alguns raros casos de desenvolvimento horizontal, entre os quais se encontram as estelas da Herdade do Gavião, Aljustrel (J.26.1.), o mais sugestivo e bem conservado dos exemplos desta variante, de Mértola (J.28.1) e, provavelmente, também o de Puente Genil (J.51.1).

#### *4.2. Modelo de distribuição textual fundamentalmente periférica*

Outro efeito visual muito frequente traduz-se no preenchimento das margens, deixando no centro um espaço vazio, tratando-se, sem dúvida, do mais sólido princípio organizador dos textos, no conjunto das estelas do Sudoeste. As aplicações concretas desta norma variam consoante a extensão do texto, a dimensão dos caracteres e o espaço que o campo epigráfico oferece. Não deixa de ser significativo que o signário de Espanca (J.25.1), não

sendo uma estela, mas um exercício de aprendizagem da escrita tenha escolhido essa disposição: o mestre iniciou a gravação na periferia da placa, seguindo os seus contornos e o discípulo procurou reproduzir os caracteres seguindo a mesma ordem, na linha interior.

O exemplar que melhor parece ilustrar este modelo encontra-se, todavia, na estela de Alcoforado, Ourique (J.14.1) que no seu estado actual conserva uma extensão de texto escrito de cerca de 2,50 m (mais de 1 por cada lado, cerca de 40 cm de largura), arrumados rigorosamente nos limites de três dos lados do campo epigráfico. No centro fica um amplo espaço, aparente apto a receber qualquer tipo de gravação, mas que se deixa vazio. A simetria com que se distribui o extenso texto, transforma este monumento num dos exemplos em que cuidou de forma muito particular o seu aspecto e a sua coerência gráfica.

Este mesmo princípio parece também modelarmente aplicado na perdida estela de Benaciate II, Silves (J.4.2), neste caso com um texto que se desenvolve em quatro segmentos, definindo um amplo quadrilátero vazio no centro, encerrado pela última linha, que estabelece o limite da parte do monumento que se enterrava. Assinala-se, como no anterior, uma busca da simetria, reflectida especialmente na curvatura regular que marca o segmento superior do texto. A profundidade e clareza desta gravação, conferem ao conjunto uma considerável elegância.

Particular impacto teria a grande estela da Corte do Freixo, Almodôvar (J.12.3), a qual, apesar de se conservar apenas parcialmente, mede mais de 1,50 m de altura, constituindo um dos maiores e mais notáveis exemplares deste modelo. Ainda que se tenha perdido aparentemente a metade direita da peça, adivinha-se uma estrutura textual tendencialmente circular, acompanhando os contornos do espesso bloco de xisto. Mas o que lhe confere uma particular notoriedade é a dimensão e profundidade dos caracteres, muito superior à média. Contra o que é habitual, o gravador usou um cinzel largo e cavou letras fundas e de contornos mal definidos, precisamente porque esta técnica a isso conduz. Mesmo a grande distância seria possível perceber esse contorno epigrafado de configuração circular.

Pardieiro (J.15.1) e Nobres, Ourique (J.16.1), em particular esta última estela, com as medidas de 110x58 cm, que parece estar completa, ilustram essa mesma tendência para uma distribuição colocada bem nos limites do suporte, mas apresentando a particularidade de o texto preencher apenas dois dos seus lados.

Contra esta tendência para acompanhar os contornos do monumento se pode apontar o caso muito peculiar de S. Martinho (Guerra 2002, 221-224). Aqui o gravador do texto preferiu, na ampla superfície livre, criar uma configuração, própria, não determinada pela forma do bloco. Deste modo produziu uma imagem visual intencionalmente buscada ao introduzir, num suporte de configuração trapezoidal, um texto de configuração elíptica. Essa disposição do texto configura-se, deste modo, também como um elemento que, por si, só fixa um padrão estético regular, num bloco irregular.



Fig. 6. Decalque da estela de Mesas do Castelinho.

Com frequência se verifica, portanto, que as dimensões do bloco deixam espaço a que se jogue com a dicotomia entre parte gravada e deixada em branco, sublinhando o efeito visual produzido pela primeira. Mas também aqui se encontram exemplos do contrário. Um dos raros casos integralmente conservados que apresenta o espaço quase completamente preenchido é o da estela de Mesas do Castelinho (Guerra, 2009, 324-327, fig. 2-4), que constitui precisamente o mais extenso dos textos, aplicado num monumento que apresenta uma reduzida dimensão (fig. 6).

#### *4.3. Modelo de desenvolvimento em espiral*

Trata-se do mais comum dos esquemas de desenvolvimento figurativo dos textos das estelas. Como a maioria dos que comentámos anteriormente, também neste caso o suporte pode condicionar o desenvolvimento concreto da gravação. Apresentam-se no essencial duas variantes: os que se desenvolvem em segmentos tendencialmente rectos, definindo, deste modo quadrados ou rectângulos mais ou menos regulares; e os que possuem alguns dos seus lados curvos, por vezes em resultado da configuração do próprio bloco inscrito.



Fig. 7. Estela de Fonte Velha de Bensafrim (Lagos).

Existem exemplares particularmente vistosos para ilustrar estas modalidades. Talvez um dos mais notáveis seja o da Fonte Velha de Bensafrim, Lagos (J.1.1). Tendo como suporte um bloco de grés de Silves com a sua característica cor avermelhada, apresenta consideráveis dimensões (1,36 x 0,73 m) e um formato aproximadamente trapezoidal. O texto é enquadrado por cartelas tendencialmente regulares e muito bem definidas. Tratando-se de uma das inscrições mais longas e adoptando-se um módulo de letra bastante grande, a parte inscrita ocupa a parte substancial do extenso campo epigráfico. A sequência inscrita divide-se em 7 segmentos, distribuídos por duas fiadas: uma exterior, de quatro elementos, correspondentes a cada um dos seus lados; e uma interior, que se desenvolve em sequência contínua por três lados.

A profundidade da gravação e a sua clareza, a dimensão das letras, a distribuição quase regular do texto, deixando um espaço vazio no centro da peça, conferem a este monumento um carácter excepcional, que deveria distinguir, naturalmente, também a pessoa a ele associada. Tratava-se, evidentemente, de um monumento que se impunha na paisagem funerária e cujo

impacto não resultaria tanto pelo seu texto, mas especialmente pelo impacto provocado por todo o conjunto.

Ainda que não tenhamos nenhum caso de achado de estela no seu próprio contexto, uma vez que a sua forma de implantação vertical conduz a que, por norma, não se mantenha na sua posição originária, alguns achados aparecem em contexto da necrópole em que tinham sido originalmente usados, como aconteceria neste caso, o da necrópole da Fonte Velha de Bensafirim, Lagos ou em outros, como as de Fernão Vaz ou da Fonte Santa, estes na área de Ourique. As próprias estruturas sepulcrais possuíam alguma monumentalidade que era sublinhada pela associação a um vestígio epigráfico, o qual constituía também um importante elemento diferenciador.

#### *4.4. Outras particularidades*

Pelo que se disse, a estelas obedecem não apenas normas específicas da escrita, mas também a modelos de organização e distribuição e a outros elementos que pretendem conferir um particular efeito visual. Em muitos dos exemplos que referimos joga também um papel o uso de cartelas, elemento que confere ao conjunto uma sensação de ordenamento. A comparação destes com casos em que não se usam cartelas permite perceber que a diferença entre ambos está muito para além do simples uso de linhas. As duas linhas paralelas, para além de elementos que enquadram e ordenam o texto, constituem mais um elemento que interfere profundamente com o seu aspecto visual e qualidade estética.

Uma apreciação de pormenor revela que a “construção” de um monumento, que não se configura apenas como um exercício de escrita, mas como uma obra de arte, obedece a uma programação mais ou menos cuidada, em relação à qual, infelizmente, dispomos de poucos dados. Mas alguns exemplos mostram bem quanto essa função era importante. O monumento de Abóbada apresenta, à luz do que se disse, várias particularidades e algumas anomalias que chamam a atenção. Ao contrário do que é habitual, a primeira linha de texto não se desenvolve junto aos contornos da pedra. No segmento lateral direito e no topo a cartela afasta-se claramente dos limites e uma análise permite dizer que algumas irregularidades significativas do bloco, entre elas duas concavidades profundas, são contornadas intencionalmente. Por outro lado, a terceira sequência deixa um espaço para uma quarta linha, contra o que é habitual, de forma a que o remanescente do texto se desenvolva nesse espaço, ainda que quebrando a regra da sua orientação sinistrorsa. De qualquer modo, as opções tomadas tiveram ainda em conta a preocupação em colocar a figura do guerreiro em posição axial, revelando, portanto, padrões estéticos bem conhecidos e aplicados.

Naturalmente, a concepção prévia do que se vai gravar seria uma realidade em boa parte dos casos. Essa ideia seria transposta para a estela sob a forma de traços ligeiros poderiam passar facilmente despercebidos, mesmo quando o plano se alterava, circunstância geralmente impossível de detectar.

Mas, de entre os monumentos que analisamos é evidente num monumento do Canafexal (J.11.5). Como neste monumento não se optou por desenhar cartelas e a disposição do texto se tornava mais livre, a programação inicial não foi cumprida e desse facto restam alguns vestígios: uma sequência de três caracteres apenas apontada aparece ao lado dos mesmos caracteres definitivamente gravados.

Enfim, as estelas epigrafadas assumem-se como um elemento fundamental da paisagem cultural da Idade do Ferro. Embora a nossa atenção tenha até agora incidido especialmente sobre as questões relativas à componente epigráfica, é grande o seu potencial no que respeita à sua análise mais ampla, enquanto elementos de prestígio que diferenciam as elites. Olhar os textos enquanto elementos figurativos, uma das vertentes a que o nosso mundo letrado pode prestar menos atenção, ajuda a compreender o impacto que estes monumentos tinham tanto no quadro territorial como no social.

Por outro lado, espero que este contributo possa despertar mais a atenção para um campo ainda consideravelmente aberto, o que respeita ao processo de produção destes monumentos, as suas peculiaridades e os seus produtores. Algumas questões técnicas respeitantes à gravação, alguns problemas que ocorreram neste processo, em especial os eventuais erros que se registaram nesta fase, podem constituir novos tópicos que importa desenvolver em trabalhos futuros e que as limitações necessariamente impostas a este contributo obrigaram a deixar para outra oportunidade.

## BIBLIOGRAFIA

- Almagro 1966: M. Almagro Basch, *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Madrid 1966.
- Barros *et al.* 2013: P. Barros, S. Melro e D. Gonçalves, “A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodôvar), *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barros 2013, 1157-1178.
- Beirão 1986: C. de M. Beirão, *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1<sup>er</sup> Âge du Fer)*, Paris 1986.
- Beirão 1990: C. de M. Beirão, “Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica: Novos dados arqueológicos”, *Estudos Orientais 1: Presenças Orientalizantes em Portugal, da Pré-História ao Período Romano*, Lisboa 1990, 107-134.
- Bendala 1997: M. Bendala Galán, “Notas sobre las estelas decoradas del Suroeste y los orígenes de Tartessos”, *Habis* 8, 1977, 177-206.
- Berrocal 1987: L. Berrocal Rangel, “La losa de Capote (Higuera la Real, Badajoz)”, *AEspA* 60, 1987, 195-206.
- Blázquez 1986: J.M. Blázquez Martínez, “La estela de Monte Blanco, Olivenza (Badajoz) y el origen fenicio de los escudos y de los carros re-

- presentados en las losas de finales de la Edad del Bronce en la Península Ibérica”, *AEspA* 59, 1986, 191-198
- Bonet 1985: H. Bonet, *El Tossal de Sant Miquel de Lliria. La antigua Edeta y su territorio*, Valencia 1995.
- Brandherm 2013: D. Brandherm, “Mediterranes, Atlantisches und Kontinentales in der bronze- und ältereisenzeitlichen Stelenkunst der Iberischen Halbinsel”, in: G. Kalaitzoglou G. Lüdorf (eds.), *Petasos: Festschrift für Hans Lohmann zugeeignet von sein Schülern, Freunden und Kollegen zu seinem 65. Geburtstag*, Paderborn-Bochum 2013, 131-148.
- Brandherm 2016: D. Brandherm, “Stelae, funerary practice, and group identities in the Bronze and Iron Ages of SW Iberia: a moyenne durée perspective”, in: J. Koch, B. Cunliffe, K. Cleary e C.D. Gibson (eds.), *Celtic from the West 3: Atlantic Europe in the Metal Ages - questions of shared language*, Oxford 2016, 179-216.
- Celestino e Salgado 2011: S. Celestino Pérez e J.A. Salgado Carmona, “Nuevas metodologías para la distribución espacial de las estelas del Oeste peninsular”, in: R. Vilaça (ed.): *Estelas e estátuas-menires: da Pré à Protohistória*, Sabugal 2011, 417-448.
- Coelho 1974: L. Coelho, “Epigrafia prelatina del SO peninsular portugués: algunos problemas arqueológicos e epigráfico-lingüísticos”, in F. Jordá, J. de Hoz y L. Michelena (eds.), *Actas del I CLCP*, Salamanca 1976, 201-211.
- Correa 1993: J.A. Correa, “El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartesia”, in: J. Untermann y F. Villar (eds.), *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V CLCP*, Salamanca 1993, 521-562.
- Correia 1993: V.H. Correia, “Necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal. Arquitectura e rituais”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33.3-4, 1993, 351-370.
- Correia 1996: V.H. Correia, *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto 1996.
- Dias e Coelho 1971: M.M. A. Dias, L. Coelho, “Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada - Almodôvar (primeira notícia)”, *O Arqueólogo Português* Série 3, 7-9, 1971, 262-275.
- Díaz-Guardamino 2010: M.M. Díaz-Guardamino Uribe, *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Tesis doctoral, Madrid 2010.
- Díaz-Guardamino 2011: M.M. Díaz-Guardamino Uribe, “Iconografía, lugares y relaciones sociales: Reflexiones en torno a las estelas y estatuas-menhir atribuidas a la Edad del Bronce en la Península Ibérica”, in: R. Vilaça (ed.), *Estelas e estátuas-menires: da Pré à Protohistória*, Sabugal 2011, 63-88.
- Díaz-Guardamino 2012: M. M. Díaz-Guardamino Uribe, “Estelas decoradas del Bronce Final en la Península Ibérica: datos para su articulación cronológica”, in: J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana, II: El río Guadiana en el Bronce Final*, Madrid 2012, 389-415.

- Domínguez *et al.* 2005: C. Domínguez de la Concha, J.M. González Bornay; J. de Hoz, *Catálogo de estelas decoradas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz. Siglos VIII-V a.C.*, Badajoz 2005.
- Faria, Soares e Soares 2014: A.M. de Faria, R.M.G. M. Soares, A.M.M. Soares, “Novo fragmento da inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)”, *RPA* 17, 159-166.
- Gomes 1990: M.V. Gomes, “O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smithing gods ou deuses ameaçadores”, *Orientais 1: Presenças Orientalizantes em Portugal, da Pré-História ao Período Romano*, Lisboa 1990, 53-106
- Gomes 1992: M.V. Gomes, “Proto-História do Sul de Portugal”, *Proto-História de Portugal*, Lisboa 1992, 99-185.
- Gomes e Cabrita 2007: M.V. Gomes e L.M. Cabrita, “Inscrição, na escrita do Sudoeste, do Vale da Águia (São Bartolomeu de Messines, Silves)”, *Arqueologia & História* 58-59, 2007, 79 - 82.
- Guerra 2002: A. Guerra, “Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão”, *RPA* 5.2, 2002, 219-231.
- Guerra 2009: A. Guerra, “Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do Sudoeste hispânico”, *PalHisp* 9, 2009, 323-338.
- Guerra *et al.* 1999: A. Guerra, A.C. Ramos, S. Melro, A. Pires, “Uma estela epigrafada da Idade do Ferro, proveniente do Monte Novo do Castelhinho (Almodôvar)”, *RPA* 2.1, 1999, 153-162.
- Harrison 2004: R.J. Harrison, *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol 2004.
- de Hoz 2010: J. de Hoz, *Historia Lingüística de la Península Ibérica, 1. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid 2010.
- Koch 2009: J.T. Koch, *Tartessian. Celtic in the South-West at the Dawn of History*, Aberystwyth 2009.
- Luís 2009: L. Luís, “*Per petras et per signos*: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história”, P.J. Sanabria (ed.), *Lusitanos y Vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa-Alto Alentejo-Cáceres*, Cáceres 2009, 213-240.
- Luís 2010: L. Luís, “A construção do espaço num sociedade proto-histórica: a arte rupestre do Vale do Côa”, *Espaços e paisagens: Antiguidade Clássica e heranças contemporâneas*, vol. III. Coimbra 2010, 53-67.
- Murillo *et al.* 2005: J.F. Murillo Redondo; D. Morena López e J.A. Lara Ruiz, “Nuevas estelas de guerrero procedentes de las provincias de Córdoba y de Ciudad Real”, *Romula* 4, 2005, 7-46.
- Olmos e Grau 2005: R. Olmos; I. Grau Mira, “El Vas dels Guerrers de La Serreta”, *Recerques del Museu d’Alcoi* 14, 2005, 79-98.
- Pericot 1979: L. Pericot, *Cerámica Ibérica*, Barcelona 1979.
- Rodríguez 2002: J. Rodríguez Ramos, “Las inscripciones sudlusitano-tartessianas su función, lengua y contexto socio-económico”, *Complutum* 13, 2002, 85-95.

*MLH IV*: J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum, Band IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*, Wiesbaden 1997.

Valério 2016: M. Valério, “Reflexões sobre a origem e formação da escrita paleo-hispânica do Sudoeste e o seu lugar na história dos sistemas de escrita”, *PalHisp* 16, 2016, 115-151.

*Amílcar Guerra*  
*Universidade de Lisboa*  
*correo-e: aguerra@campus.ul.pt*

|                                                                                             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fecha de recepción del artículo: 03/05/2017<br>Fecha de aceptación del artículo: 29/06/2017 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|